

O AMOR QUE CURA: RESTAURANDO O SENTIDO E O EQUILÍBRIO NA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Brenda Vitória Giembra¹
Guilherme Augusto Paczkowski²
Guilherme Henrique de Almeida³
Diego da Silva⁴

RESUMO: O presente relatório apresenta as vivências, as reflexões e os aprendizados obtidos durante o Estágio Supervisionado em Observação, com foco nos transtornos mentais e no acompanhamento de pessoas em processo de recuperação do uso de substâncias psicoativas. O estudo articula fundamentos teóricos do DSM-5, compreensões sobre o sistema dopaminérgico, aspectos do vazio existencial e da busca de sentido baseados em Viktor Frankl, bem como o papel do acolhimento e do amor no processo terapêutico. As observações realizadas na Comunidade Bethânia permitem compreender, na prática, como a rotina estruturada, o trabalho, a espiritualidade e os vínculos afetivos contribuem significativamente para a reordenação da vida do sujeito em sofrimento psíquico e dependência química. A partir dos relatos dos residentes, é possível perceber o impacto do vínculo humano, da escuta qualificada e do resgate da dignidade como elementos centrais no processo de reconstrução subjetiva. Nesse sentido, este relatório busca integrar teoria e prática, destacando como os transtornos relacionados ao uso de substâncias envolvem fatores biológicos, sociais, emocionais e existenciais, o que exige, portanto, intervenções que ultrapassem o tratamento médico e alcancem dimensões mais profundas do ser humano.

Palavras-chave: Dependência química. Transtornos mentais. Acolhimento. Sentido da vida. Comunidade terapêutica.

I INTRODUÇÃO

A dependência química é um fenômeno complexo que envolve fatores biológicos, psicológicos, sociais e espirituais, e por isso exige um olhar ampliado sobre o cuidado em saúde mental. Inserido nesse cenário, o presente estudo aborda o tema “O Amor que Cura: restaurando o sentido e o equilíbrio na dependência química”, refletindo sobre como o amor, entendido como vínculo, acolhimento e presença significativa, pode atuar como uma força que ajuda a reorganizar a vida, fortalecer a identidade e devolver sentido a pessoas em processo de recuperação do uso de substâncias psicoativas. A partir de referenciais da psicologia humanista

¹ Discente do curso de Psicologia da UniEnsino.

² Discente do curso de Psicologia da UniEnsino.

³ Discente do curso de Psicologia da UniEnsino.

⁴ Psicólogo, docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

e existencial, especialmente Viktor Frankl, e da prática observada na Comunidade Bethânia, busca-se discutir como a experiência de vínculo, cuidado e pertencimento se articula com a restauração do sentido existencial e da dignidade do indivíduo.

A escolha desse tema se justifica pela necessidade crescente de compreender a dependência química para além do aspecto médico. Embora o DSM-5 descreva alterações importantes no funcionamento do cérebro, como mudanças no sistema dopaminérgico e na forma como o sujeito busca prazer e alívio, fica evidente, tanto na literatura quanto na prática clínica, que o sofrimento emocional, a falta de vínculos sólidos e o vazio existencial têm grande peso na manutenção da dependência. Nesse sentido, experiências de acolhimento, escuta e convivência, como as observadas na Comunidade Bethânia, mostram que a presença humana, o cuidado e a espiritualidade podem favorecer um processo profundo de reorganização interna e reconstrução da dignidade.

O objetivo deste relatório é compreender de que maneira o amor, enquanto atitude relacional e terapêutica, o acolhimento e a busca de sentido contribuem para o processo de recuperação da dependência química. Busca-se relacionar os critérios diagnósticos do DSM-5, os aspectos neurobiológicos envolvidos no uso de substâncias e os princípios da Logoterapia de Viktor Frankl, com ênfase na importância de encontrar um sentido que sustente a vida. Também se pretende analisar como a rotina estruturada, o trabalho, a espiritualidade e os vínculos formados no ambiente comunitário impactam positivamente na construção de novos caminhos e projetos de vida.

A metodologia adotada foi o Estágio Supervisionado em Observação, realizado na Comunidade Bethânia. As atividades incluíram acompanhar a rotina dos residentes, observar dinâmicas internas, participar de momentos comunitários e registrar relatos e percepções ao longo do período de estágio. Todo esse material foi posteriormente articulado a uma revisão bibliográfica nas áreas da dependência química, psicologia existencial e neurociência. Essa combinação entre teoria e prática possibilitou uma compreensão mais ampla e humana do processo de cuidado, destacando o amor como uma força capaz de apoiar, transformar e abrir novas percepções para quem vive o desafio da dependência química.

2 DESCRIÇÃO GERAL DAS PRÁTICAS REALIZADAS

A observação foi realizada em diferentes momentos do dia, o que permitiu acompanhar de forma ampla o cotidiano dos residentes e compreender as rotinas, interações e experiências que compõem a vida comunitária. Essa vivência possibilitou identificar como as práticas diárias,

a convivência e as atividades desenvolvidas por eles se relacionam no processo de recuperação da dependência química.

A rotina alimentar foi observada desde a organização dos ambientes até a interação entre os filhos durante as refeições. Esses momentos permitiram perceber a formação de vínculos, o cumprimento das normas e a relevância da estrutura diária como fator regulador do comportamento e da convivência coletiva. Também foram acompanhadas atividades recreativas, especialmente os jogos de futebol, que se destacaram por incentivar o trabalho em equipe, favorecer o bem-estar físico e emocional e contribuir para um clima comunitário mais leve e cooperativo.

A dimensão espiritual foi um aspecto central observado ao longo do estágio, especialmente por meio da participação em Missas, orações e momentos de reflexão, que mostraram como a espiritualidade se integra ao processo terapêutico ao favorecer a ressignificação do sofrimento, o fortalecimento da esperança e a reconstrução da identidade. Paralelamente, às visitas e os encontros familiares permitiram compreender a influência dos vínculos afetivos na recuperação, evidenciando como a presença da família pode impactar positivamente na autoestima e na motivação dos residentes, contribuindo para a restauração de laços fragilizados e para a compreensão de sentimentos de culpa ou abandono.

3

Outro aspecto relevante foi a possibilidade de conversar diretamente com alguns dos filhos, nome pelo qual são conhecidos na comunidade. Esses diálogos permitiram conhecer suas histórias de vida, suas dificuldades, suas percepções sobre o uso de substâncias e suas expectativas em relação ao tratamento. Esse contato mais próximo possibilitou compreender o sofrimento psíquico sob uma perspectiva humana e singular, ampliando a compreensão da dependência química para além do diagnóstico.

As atividades de trabalho também foram observadas ao longo do estágio. Tarefas como limpeza, organização, manutenção dos espaços e atividades produtivas internas se mostraram essenciais para o desenvolvimento de responsabilidade, disciplina, cooperação e autonomia. Essas práticas ajudam a重构ir alguns hábitos e a desenvolver habilidades que favorecem a reinserção social.

De modo geral, as práticas observadas permitiram compreender a Comunidade Bethânia como um espaço que integra rotina, espiritualidade, convivência, trabalho e vínculos afetivos como parte de um processo terapêutico amplo. A vivência mostrou que a combinação entre cuidado, disciplina, apoio mútuo e ambiente afetivo atua como elemento fundamental para a reorganização pessoal dos residentes e para o fortalecimento de novos sentidos de vida.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Transtorno por uso de substância e suas implicações

Conforme o DSM-5 indica, os fatores fundamentais de um transtorno ligado ao uso de substância são as disfunções fisiológicas, comportamentais e cognitivas pelo uso recorrente da substância. Isso impacta em alterações relevantes em sistemas cerebrais, principalmente voltado ao sistema de recompensa e prazer.

O manual indica quatro eixos para facilitar o diagnóstico do transtorno por uso de substâncias. Com foco nos padrões patológicos de comportamentos como premissa, o agrupamento desses eixos segue a seguinte formatação: baixo controle, deterioração social, uso arriscado e critérios farmacológicos.

Os fatores ligados ao eixo de baixo controle têm como prisma a falta de controle no uso da substância, o desejo de usar mais e o impacto na rotina. Essa falta de controle vem da falha no instrumento de defesa em operação que o faça ter o discernimento necessário para frear o uso. O que resulta em episódios sucessivos de falhas ao tentar diminuir ou parar pela exacerbação do desejo de sentir os efeitos psicofisiológicos das substâncias. Isso impacta na destruição da rotina e atividades diárias, visto que o uso indiscriminado potencializa o processo de condicionamento clássico em que o indivíduo estará em busca da recompensa. Para isso, gradualmente deixará de pensar nas atividades diárias até chegar ao ponto de só pensar na substância e ficar travado nesse ciclo em busca da recompensa.

A relevância dos tópicos vinculados à deterioração social está voltada para a retirada do indivíduo das atividades que envolvem o corpo social. Nessa etapa, a questão familiar, parental, acadêmica, recreativa e laboral fica de lado pela prioridade do uso das substâncias.

No tópico de uso arriscado, a questão da integridade física é a mais urgente. Visto que nesse caso o uso desenfreado das substâncias pode colocar o indivíduo em situações de risco a integridade física de si ou de outrem por já não ter mais o controle do uso mesmo ciente das demandas físicas e psicológicas que isso traz. O diagnóstico dessa etapa passa pelo fracasso do indivíduo nas tentativas de largar a substância.

O último eixo que o DSM 5 trata é o de critérios farmacológicos que envolvem a tolerância e a abstinência. A tolerância demanda ao indivíduo o uso de maiores doses das substâncias para sentir o efeito que ela traz após o consumo (as doses habituais já não fazem o mesmo efeito) e varia de pessoa para pessoa conforme fatores genéticos e comportamentais Pietrzykowski, A. Z. e Treistman, S. N. (2008). A abstinência trata da restrição das substâncias

na corrente sanguínea do indivíduo, que tem como consequências reações fisiológicas e neurológicas pela ausência do uso. Entre essas reações pode-se citar: sintomas gastrointestinais, alteração do sono, humor e alterações neurobiológicas do Vicentino, V. M. M.; Werneck, M. B. (2022)

3.2 O sistema dopaminérgico e as A&As

A dopamina não é o prazer em si, mas um neurotransmissor que nos leva a ter desejo e motivação, uma molécula da antecipação, nos proporcionando um sistema de recompensa. Segundo Lieberman e Long (2018), a dopamina é o combustível para o motor dos nossos sonhos e fonte de desespero quando falhamos. É o que nos leva a buscar e encontrar; a descobrir e a prosperar. É a origem da criatividade, a chave para o vício e o percurso para a recuperação.

O sistema de recompensa nos ajuda a garantir a sobrevivência, formar hábitos, a ter controle de si, tomar decisões e está relacionado até mesmo com a memória, como determinados comportamentos que devemos buscar. Ele é alimentado pela dopamina e é dividido em duas vias, o circuito do desejo e o circuito da dopamina de controle.

O uso de substâncias ativa esse sistema, gerando estímulos que fazem o indivíduo perder o equilíbrio natural. Os autores explicam que as drogas viciantes “sequestram” e atingem o circuito do desejo com uma intensa explosão química, que nenhum comportamento natural pode igualar. Inclusive, o abuso desses elementos começa pequeno, mas logo dominam todos os aspectos da vida, pois confundem o cérebro, que começa a conectar a droga com tudo.

É fundamental compreender que os neurotransmissores A&As, entre eles a serotonina, a oxitocina, as endorfinas e os endocanabinoides, diferentemente da ação da dopamina, proporcionam prazer por meio de sensações e emoções. Em outras palavras, permitem que apreciemos os sabores, as cores, as texturas e os sentimentos vivenciados ao estarmos com pessoas amadas. Determinadas substâncias podem inibir a dopamina ao reproduzir o efeito que os A & As normalmente exercem, fazendo com que atividades usualmente ligadas ao desejo e à motivação, como trabalhar e estudar, pareçam menos relevantes. (LIEBERMAN, LONG, 2018).

Segundo Palha e Bueno (2001), ressaltam também que as drogas eram utilizadas com o propósito de obter força e coragem nas lutas do trabalho, ou até mesmo, nas lutas da honra pessoal ou coletiva. Isso porque o homem sempre buscou, ao longo das épocas, maneiras de aumentar o seu prazer e diminuir o seu sofrimento. Ou seja, o consumo de drogas sempre existiu, mas a questão é o quanto as crises da nossa sociedade estão presentes em diversos

contextos diários e não são trabalhados, apenas jogadas para debaixo do tapete, impactando gerações.

Dessa forma, o uso de substâncias acaba se tornando não apenas um reflexo individual, mas também um sintoma coletivo de uma sociedade adoecida, que muitas vezes nega suas próprias dores. Com isso, o desafio atual não está apenas em combater o uso de drogas, mas em compreender as causas emocionais, sociais e existenciais que o sustentam, buscando caminhos de cura que envolvam acolhimento, sentido e conexão humana.

3.3 O vazio afetivo e o sentido da vida

O ser humano, ao longo do tempo, tem buscado compreender a razão de sua existência e o propósito de sua vida. Entretanto, quando esse sentido se perde, o que prevalece é o vazio existencial - uma sensação de falta de propósito, desinteresse com a própria realidade. Segundo Frankl (1989), esse vazio emerge especialmente nas sociedades modernas, marcadas pelo materialismo, pela pressa e pela ausência de valores espirituais ou transcendentais.

Quando há ausência de sentido e de um significado intrínseco ao ser, surge uma grande possibilidade de confundir os fins com os meios, depositando toda a expectativa em aspectos temporários e esquecendo-se das metas mais elevadas, que orientam a existência sob um ideal. Entre as consequências dessa falta de direção estão a perda da autonomia individual e a compensação dessa ausência por meio da busca incessante pelo prazer ou pelo poder.

Segundo Frankl (2019), “*a vontade de prazer ou de poder manifesta-se como substitutos da vontade de sentido, e, enquanto o ser humano não encontra um propósito para viver, ele tende a buscar alívios momentâneos para o seu vazio*”. A vontade de prazer manifesta-se quando o indivíduo concentra-se em experiências que proporcionam sensações prazerosas. No entanto, como o prazer deveria ser apenas um efeito e não o propósito principal, a pessoa perde de vista qualquer razão ou fundamento para senti-lo e, portanto, para ser verdadeiramente feliz. Já a vontade de poder opera de modo semelhante: enquanto um busca os efeitos do sentido da vida, o outro busca os meios para alcançá-lo, esquecendo-se de que o verdadeiro sentido não se impõe, mas se descobre.

O prazer, em si, não é capaz de conferir sentido à existência. Como afirma Frankl (2022), “*o prazer em si não é nada que possa dar sentido à existência. Portanto, a ausência de prazer tampouco é capaz, e isso vemos já agora, de tirar o sentido da vida*”. Essa afirmação revela que o verdadeiro significado da vida não se encontra nas experiências momentâneas de satisfação, mas na realização de algo que transcendia o próprio indivíduo.

Nesse contexto, é necessário compreender o quanto a relação humana é essencial nessa busca por um “porquê” que sustente a existência. “Estar junto a outro” não se dá apenas em um plano cognoscitivo, mas também em um plano afetivo, é abrir-se ao outro e permitir-se ser tocado por ele. Assim, esse “estar junto a”, entre seres semelhantes, só se torna possível na entrega que se chama amor, que é, em essência, uma das formas mais profundas de reencontro com o sentido da vida.

3.4 O amor e o acolhimento como alicerces para o processo terapêutico

Uma compreensão profunda do ser humano exige muito mais do que análises objetivas, classificações ou descrições técnicas. Viktor Frankl, ao refletir sobre a dimensão existencial da vida, afirma que “*amar é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade*”. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo”. Essa perspectiva amplia o olhar sobre as relações humanas e sobre os processos de construção de sentido, evidenciando que o amor, entendido aqui como um encontro autêntico com a singularidade do outro, é um caminho essencial para acessar sua verdade mais profunda. A partir dessa visão, é possível entender o quanto as experiências humanas, especialmente aquelas relacionadas ao sofrimento, ao vínculo e à busca de significado, são atravessadas por uma dimensão afetiva que possibilita compreender quem somos e como nos relacionamos com o mundo.

A concepção do amor como força terapêutica tem respaldo tanto em abordagens psicológicas quanto na espiritualidade cristã, especialmente no cuidado a pessoas em situação de dependência química. Conforme afirma o Servo de Deus Padre Léo, “*o amor é a única força capaz de mudar as pessoas*”, indicando que a verdadeira transformação não nasce apenas de técnicas, mas de relações que acolhem, legitimam e devolvem dignidade ao indivíduo. Essa dimensão afetiva e espiritual torna-se ainda mais relevante diante de sujeitos marcados por culpa, solidão e perda do sentido existencial.

A psicologia humanista e, de modo especial, Viktor Frankl, também reconhecem o amor como experiência que revela ao ser humano seu valor e suas possibilidades. Para Frankl (2008), o amor é a via mais profunda para compreender o outro “em sua essência única”, permitindo-lhe reencontrar um sentido que o sustente diante do sofrimento. Nesse contexto, o acolhimento amoroso cria um espaço seguro no qual o dependente químico pode ressignificar sua história e despertar recursos internos antes obscurecidos pela dor. Assim, o amor funciona como eixo

espiritual e existencial que restitui autoestima, responsabilidade pessoal e esperança, elementos essenciais para a reabilitação.

Por isso, quando Padre Léo afirma que “*a recuperação que almejamos é fruto do acolhimento que praticamos*”, ele sintetiza a convergência entre espiritualidade e psicologia: é no encontro humano, sensível, empático e carregado de sentido, que o processo terapêutico ganha profundidade. O amor, vivido como atitude, torna-se caminho de cura, reorganizando afetos, restaurando o equilíbrio interior e devolvendo ao dependente químico a possibilidade real de recomeçar sua vida com liberdade e sentido.

3.5 Descrição geral das práticas realizadas

O estágio teve como principal prática a observação com uma escuta ativa e fala quando necessário para entender o impacto das vivências para o processo terapêutico que realizam na comunidade. A observação teve como foco a rotina da comunidade que envolvia as questões de: trabalho, orações, atividades físicas e a participação dos integrantes da comunidade nas atividades abertas ao público externo que se realizavam lá (retiro aberto à comunidade).

Na questão do trabalho, foi feito o acompanhamento das rotinas diversas dos filhos como a atividade de lavar a louça, cuidar de fazer os pães para venda, preparo das refeições, limpeza da capela e ambientes em geral, manutenção dos setores e equipamentos da comunidade, limpeza das roupas, etc. Nessas atividades, houve a observação sobre como essa rotina contribui para a devolução da dignidade e senso de propósito para os filhos como atividades que traziam um senso de dever, de contribuição e retribuição por todo acolhimento e estrutura da comunidade. Esse acompanhamento foi feito tanto na questão da observação como também uma participação ativa realizando as funções junto com os filhos e conversando sobre o propósito de cada atividade.

Sobre as orações, verificou-se o pilar central da espiritualidade como transformadora de propósito e com um papel de destaque no resgate do sentido da vida. As observações foram realizadas na rotina de orações que eles fazem sistematicamente e que no período observado foram realizadas perto das 13:30 com o terço rezado com diversos propósitos como a provisão e as celebrações que acontecem às 15:00 que variaram entre celebrações com a liturgia do dia com algum tema exposto sobre a realidade deles e uma celebração com um tema mais voltado para questão da oração e intercessão. Nesse contexto, houve muitas conversas sobre a importância desse tema para alteração de comportamentos e uma nova maneira de lidar com questões como abstinência e alteração de maneira de lidar com certos hábitos.

No tema das atividades físicas, a comunidade conta com um espaço que utilizam para fazer musculação, com alguns halteres e barras e com o futebol todo final de tarde. Nesse tema, o acompanhamento foi feito assistindo as partidas e conversando com os filhos sobre a importância de exercitar o corpo como um momento para aliviar muitas vezes a tensão que a abstinência traz e que uma rotina bem marcada tem. Esse é o momento em que consegue integrar, competir e ter um momento de descontração dentro do processo. Percebe-se a importância da atividade física para a manutenção da saúde mental, como descreve a reflexão de Hipócrates diz: “a falta de atividade física destrói a boa condição de qualquer ser humano, enquanto o movimento e o exercício físico metódico o salva e o preserva”.

Nas atividades do público externo dentro da comunidade, foi feita a observação de um retiro feito na comunidade. Foi o dia em que tiveram mais trabalho e funções na questão organizacional. Nela fizemos o papel de observador ativo, com o auxílio nas atividades e conversas sobre a importância dessas atividades em que era feito a escolha das atividades segundo o conhecimento que traziam de fora. Isso trouxe um senso de propósito muito grande em uma das filhas que trabalhou com eventos e em restaurantes e se viu muito feliz ao orientar e organizar o salão onde aconteceu a refeição dos participantes do retiro. Os outros filhos também se viram bem empenhados na questão de organizar o ambiente para devolver à comunidade o senso de acolhimento e afeto a ser distribuído a esses visitantes.

4 DIÁRIO DE ANOTAÇÕES

4.1 Brenda

Dia 1

Antes mesmo de começar este relato, gostaria de dizer o quanto eu fiquei com expectativas para o primeiro dia do estágio, pois após uma reunião com o responsável realizado via meet, tivemos uma breve explicação de como tudo funcionava e a forma pelo qual nós fomos acolhidos por ele me chamou a atenção.

Ao chegar, tive um impacto com a vista maravilhosa que o local proporciona, árvores, flores, grama, pássaros cantando, animais, um lago e uma área enorme para poder apreciar, ou seja, logo de início percebi que no processo terapêutico, o fato de estar em um lugar em contato maior com a natureza com certeza é bem mais aconchegante e benéfico. Já de início é possível notar que a comunidade de fato promove aos filhos (nome dado às pessoas com dependência) dignidade, rotina, espiritualidade e sentido, buscando unir as coisas básicas como uma boa

alimentação, sono regulado, trabalho, prática de esportes com uma vivência de amor, fé e esperança, dando então um novo significado à vida e ao passado no qual eles carregam consigo.

A comunidade em si tem como um dos pilares o acolhimento e isso é perceptível em todos, através de um sorriso, da alegria que é exalada, inclusive conhecemos várias pessoas, mas os filhos que mais tivemos contato com a sua história de vida, foram o Heverton, Douglas, Fernanda, Rudinei e Gilson.

Enquanto estávamos sentados em frente ao campo de futebol, Heverton partilhou um pouco sobre seu trajeto até chegar em Bethânia, seu primeiro crime se deu a partir do estupro que fizeram com a sua irmã, por conta de toda a dor causada a ela e sua mãe, essa experiência de sofrimento profundo desencadeou um senso de justiça, ou seja, procurar se vingar e fazer algo com as suas próprias mãos. A partir daí vieram muitas situações em que ele aparentemente quis ser um “justiceiro” em prol das mulheres que passaram por algo parecido. Já o seu primeiro contato com a drogadição foi a partir de uma experiência com a sua ex-esposa, segundo ele, ela era a mulher de sua vida e assim que a mesma descobriu que ele guardava uma arma em cima do guarda-roupa, tudo se findou. E através dessa perda de alguém que ama, foi um gatilho para começar a usar às drogas, porém após conhecer a comunidade, ter uma experiência de poder se olhar no espelho de novo, de ser amado e de intimidade com Deus, ele tem trilhado uma caminhada de busca por ser uma pessoa melhor todos os dias, por mais que algumas tendências continuem, há uma verdade que ele externaliza, no qual ele reconhece suas fragilidades e permanece nessa via de autoajuda, restauração e propósito.

O Douglas, nos contou sobre a rotina na comunidade, sobre as funções, ou seja, durante o seu dia a dia fora da Bethânia, os filhos atuavam dentro das suas escolhas profissionais, e hoje eles ajudam nessas mesmas coisas dentro da casa, para também assim manter tudo funcionando e em ordem. Essa atitude permite com que eles se sintam úteis e ocupem seu dia, trazendo sentido a tudo e a cada tarefa que é proposta, sem contar que é nítido o quanto essa busca por manter e cumprir o cronograma, envolve esforço, amor e intenção. um simples momento de almoço, ouvimos a história da Fernanda, uma mulher com seus medos, mas disposta a mudar de vida.

A convivência me mostrou que a recuperação acontece no acolhimento, no trabalho diário, na partilha e na espiritualidade vivida com sinceridade. A experiência não só ampliou meu olhar profissional, mas também tocou minha própria humanidade, reforçando a importância de enxergar cada sujeito para além da dependência, reconhecendo nele uma história que ainda está sendo escrita.

Dia 2

No segundo dia de estágio, vivenciamos um domingo marcado por espiritualidade, convivência e momentos de observação muito significativos. Iniciamos participando da celebração da palavra, conduzida pelo seminarista Gabriel, onde nos convidou à escuta e ao recolhimento. Foi um momento importante para compreender como a espiritualidade permeia o cotidiano da comunidade e sustenta muitos dos processos individuais.

Em seguida, antes do almoço, rezamos juntos o Terço da Divina Providência. Esse momento de oração coletiva trouxe serenidade e pelo fato de estarmos todos sentados no banco na área de fora criou um clima ainda mais de unidade. A devoção e a participação evidenciaram como a espiritualidade compartilhada fortalece vínculos e dá sentido às etapas do tratamento.

Durante o almoço, a comida estava maravilhosa e enquanto comíamos, tivemos a oportunidade de conversar com Fernanda e o Gabriel, a Fernanda partilhou seu trajeto até chegar em Bethânia e através dessa troca, foi possível perceber diferentes nuances das vivências pessoais, cada uma marcada por desafios, esperanças e pela busca sincera por reconstrução. Observamos também como as conversas durante as refeições se tornam espaços importantes de interação e de apoio mútuo.

À tarde, acompanhamos o futebol, um dos momentos mais animados do dia. A presença do narrador Heverton trouxe ainda mais alegria, tornando o jogo descontraído e cheio de risadas. Apesar da leveza, foi possível notar como o esporte contribui para que eles enfrentem a competitividade de forma saudável, aprendendo a lidar com frustrações, vitórias e limites pessoais. Ao mesmo tempo, o futebol exige trabalho em equipe, comunicação e respeito, aspectos fundamentais para o convívio.

Outro ponto essencial foram as visitas familiares, que pudemos observar ao longo da tarde. Esses encontros carregavam emoção e significado. Era evidente o quanto o contato com a família se torna um motivo a mais para persistir no processo de restauração.

Encerramos o dia percebendo como cada atividade, desde os momentos de oração até as ações mais simples, como o lanche ou uma partida de futebol, contribui para fortalecer laços, promover reflexões e criar um ambiente de apoio.

Dia 3

Ao chegarmos à comunidade no terceiro dia, fomos surpreendidos por um retiro espiritual que estava acontecendo no local. Havia muitas pessoas circulando, envolvidas em

diferentes atividades, o que deixou o ambiente ainda mais movimentado, mas apesar desse cenário intenso, mantivemos nosso foco principal. Nossa aproximação aconteceu na cozinha, onde encontramos o Heverton e o Rodinei colaborando com as tarefas do dia. Foi ali, em meio ao barulho das panelas e ao vai e vem da louça sendo organizada, que surgiram as primeiras conversas. Durante a atividade simples de lavar a louça, o ambiente descontraído abriu espaço para uma troca sincera e significativa.

Rodinei, de maneira muito espontânea, compartilhou partes importantes de sua história. Ele relatou como o contexto social em que cresceu influenciou diretamente seu contato precoce com o mundo das drogas. Falou sobre as dificuldades enfrentadas na juventude, sobre a ausência de referências positivas e sobre como essas experiências marcaram profundamente seu caminho. No entanto, também foi possível perceber o quanto esse passado, embora doloroso, tem moldado sua vivência atual e despertado nele o desejo de mudança.

Após isso, tivemos um momento com o Gilson que decidiu abrir seu coração. Ele contou que começou a usar drogas muito jovem, também influenciado pelo ambiente social do colégio e pelo desejo de pertencer a um determinado grupo. O hábito o acompanhou na vida adulta, mesmo após o casamento e a chegada dos filhos, mas em certo momento, o uso se intensificou e ele passou por uma primeira internação, que não trouxe a mudança que esperava. Apesar disso, conseguiu ficar cinco anos limpo, vivendo um tempo de forte vínculo com a família. Porém, ao se afastar da espiritualidade, acabou recaíndo.

A situação chegou ao limite quando seus pais, já idosos, o encontraram em um estado de extrema vulnerabilidade. Tocado pelo sofrimento da família, decidiu buscar ajuda. Após algumas experiências, escolheu permanecer em Bethânia, onde está há quase um ano. Recebe apoio da família, embora o relacionamento com a esposa esteja fragilizado.

Através do seu olhar e de sua emoção ao partilhar sua história para nós, meu coração se compadeceu ao vê-lo daquela forma e ao mesmo tempo por enxergar que ele estava se esforçando para enfrentar seus vícios e para ser alguém melhor. Com toda certeza esse momento, aparentemente simples, tornou-se uma rica experiência de observação.

Dia 4

No quarto e último dia de estágio, já havia compreendido que a comunidade não é apenas um espaço físico, mas um ambiente onde os filhos têm a chance de se reencontrar consigo mesmos e com seus propósitos de vida. Ali, cada um se permite ser moldado pelo tratamento, aprendendo a enfrentar medos, inseguranças e vícios com coragem e humildade.

Por ser domingo, novamente vivenciamos um momento intenso de intercessão por eles. Entre lágrimas, orações e até uma música que nos tocou profundamente, ficou evidente o quanto esses instantes se tornam força para que continuem firmes. Era possível perceber, no olhar de cada um, que gestos simples de espiritualidade reacendem a esperança e renovam a certeza de que esse percurso, embora difícil, é possível de ser vencido.

Ao longo desses dias, pude observar que a comunidade funciona como um espaço de acolhimento, disciplina e, principalmente, de reconstrução. Cada atividade, desde as orações e partilhas até o trabalho diário e os momentos de lazer, contribui para um processo de cura que não é apenas individual, mas também coletivo.

Finalizo o estágio carregando comigo tudo o que aprendi em cada história, gesto e silêncio. Percebi que a restauração não acontece de forma imediata, mas nasce nos pequenos passos e na abertura ao cuidado diário. Em Bethânia, ficou claro como a fé e a psicologia, juntas, criam um caminho potente de transformação: A espiritualidade oferece sentido, acolhimento e esperança; a psicologia traz compreensão, estrutura e ferramentas para lidar com as dores e desafios internos. E ali, entendi que quando a alma encontra refúgio e a mente encontra direção, a esperança volta a renascer.

13

4.2 Guilherme Augusto Paczkowski

Dia 1

Chegar em Bethânia foi como entrar em um ambiente onde a vida se revela sem máscaras. A simplicidade do lugar, o silêncio cheio de significado e o clima fraterno me impactaram imediatamente. Fui acolhido com naturalidade, e logo percebi que ali cada pessoa carrega uma história que poderia facilmente ser um livro.

Observando a rotina, percebi como pequenas ações, a oração, o trabalho simples e a convivência, tinham um peso terapêutico profundo. Bethânia parecia repetir em cada detalhe: aqui ninguém é reduzido ao seu erro; aqui cada um é visto como alguém em reconstrução.

Esse primeiro contato abriu em mim não apenas o olhar clínico do psicólogo, mas também um movimento interior de ser tocado pela verdade de cada história. Em Bethânia, aprendi desde o início que o essencial não é visto nos relatórios, mas nos olhos.

Dia 2

No segundo dia, enquanto estávamos sentados em frente ao campo de futebol, onde um menino narrava o jogo com entusiasmo contagiante, ouvimos o testemunho de Heverton.

Ele começou contando que seu primeiro crime nasceu de uma dor profunda: o estupro sofrido por sua irmã. Ver o sofrimento dela e de sua mãe despertou nele um senso distorcido de justiça, que o levou a buscar vingança com as próprias mãos. A partir disso, acabou assumindo o papel de “justiceiro”, especialmente em defesa de mulheres que haviam vivido dores semelhantes. Seu contato com as drogas veio depois, quando seu relacionamento com a mulher que ele considerava o amor de sua vida terminou. Ela descobriu uma arma escondida no guarda-roupa e decidiu ir embora. Essa perda se tornou um gatilho emocional que o lançou na drogadição.

A mudança começou quando ele encontrou a Comunidade Bethânia. Ali, disse ele, conseguiu voltar a se olhar no espelho, reencontrar dignidade, experimentar amor e criar intimidade verdadeira com Deus. Mesmo reconhecendo que algumas tendências ainda existem, Heverton caminha com sinceridade, assumindo suas fragilidades e se esforçando a cada dia para ser alguém melhor.

A frase que mais marcou seu testemunho foi: “Minha mãe diz que eu mudei... mas eu não me vejo mudado. Eu me vejo mudando.” Uma verdade profunda: não é sobre já ter chegado, é sobre seguir caminhando.

14

Dia 3

O terceiro dia foi marcado pela convivência mais próxima. A rotina, tão simples, me mostrou sua força terapêutica: oração, trabalho, partilha, silêncio, convivência. Tudo tinha um sentido pedagógico, humano e espiritual.

Conversei com acolhidos que estavam há mais tempo e ouvi frases de uma maturidade rara, como: “A gente aprende a viver com saudade, mas também aprende que Deus pode reconstruir a gente com o que sobrou.” Ali ninguém tenta parecer forte. Eles falam com sinceridade sobre o passado, sobre quedas, mas também sobre esperança. A espiritualidade não é acessório; é fundamento. Quando a fé se torna parte do processo, a culpa se transforma em arrependimento, dor em humildade, e o deserto em promessa.

Percebi que, em Bethânia, o processo terapêutico não começa pela técnica, mas pelo encontro. A técnica organiza o amor inicia.

Dia 4

O último dia chegou com um sentimento doce de missão e mudança interior. Participei da rotina e dos momentos de oração e percebi novamente a sinceridade com que os acolhidos rezam, não com palavras prontas, mas com vida.

Durante esse dia recebi algo inesperado: o convite para ir à rádio falar sobre minha experiência na Bethânia. Entendi esse convite como confirmação e missão. Fui não apenas para relatar, mas para testemunhar. Na rádio, pude falar sobre a profundidade humana da comunidade, a força da espiritualidade, o valor do acolhimento e o quanto a graça age na vulnerabilidade humana.

Enquanto eu falava, percebi que estava ali não só como estagiário, mas como alguém transformado por tudo o que viveu. Ao final, tive a certeza de que quando partilhamos o bem, ele se multiplica.

Saí de Bethânia diferente. Mais humano, mais sensível, mais consciente de que a Psicologia, quando unida à fé, não exclui, ela integra. Ela constrói caminhos.

4.3 Guilherme Almeida

Dia 1

Apresentação do espaço Bethânia, foi feita uma visita em vários locais da comunidade, a entrada é muito aconchegante com uma passagem em frente ao lago que tem a capela bem próxima o que traz uma paz muito grande e passa a sensação de aconchego. Gabriel explicou um pouco sobre a rotina deles e sobre a disposição da comunidade, lá eles se dividem em filhos(são os moradores que tratam algum tipo de dependência), consagrados que fizeram um processo de 4 anos para viver em comunidade e auxiliar nos trabalhos da comunidade os 3 que estão lá já foram filhos e os seminaristas que inclui o Gabriel que são pessoas consagradas que estudam para ser ordenado (virar padre).

O que chamou atenção logo no início foi a organização e o funcionamento da comunidade com todos envolvidos em funções. Na conversa com o Filho Douglas ele comentou que todos ficam uma semana nas mais variadas atividades da comunidade que envolvem panificação, pintura, construção, cuidado da horta, cozinha e limpeza. Eles trabalham 4 horas por dia divididas em dois períodos no dia. Douglas contou que eles tem 4 refeições na casa e um cronograma bem alinhado com a hora de acordar começando as 10 para as 7 e com várias atividades como a reza de dois rosários no dia (às vezes 3), participação nas celebrações e cursos/palestras sobre a palavra e sobre a condição das drogas, trabalho, um tempo livre e outro

tempo para esporte. Ele frisou que isso ajuda demais a fazer com que a cabeça esteja sempre ocupada, tem uma preferência pelo tempo do futebol que ajuda a dar uma desligada da rotina e dar uma relaxada para ter o sono restaurador. Luan que estava ao lado confirmou sobre a importância da rotina e do esporte como momento de lazer.

Douglas contou um pouco de sua história dizendo que estava lá há 2 meses e era a sexta vez que estava na comunidade, o maior período que passou foi de 1 ano e 4 meses, destacou demais a importância da comunidade para que ele conseguir encontrar um propósito e entendia essas idas e vindas como parte da caminhada.

Logo depois Heverton contou a história dele que envolvia um enredo muito interessante, começou contando da parte boa que encontrar a comunidade foi como recuperar a possibilidade de felicidade, que estava há meses sem fazer a barba e olhar no espelho e lá, logo que chegou, fez a barba e voltou a se olhar no espelho. Disse que ali voltou a encontrar o que é felicidade e sorriso sincero, depois contou a história de quando usou cocaína pela primeira, foi por um problema no relacionamento, foi casado 10 anos com um filho na relação e ressaltou ser a mulher da vida dele, que estava em casa e a mulher viu a cena de ele tirar a pistola que estava em cima do guarda-roupa e guardar em outro lugar, disse que ela ao ver isso ficou muito assustada achando que ele poderia fazer algo com ela. Ela foi para a casa da irmã dele e ele saiu para trabalhar, quando voltou não a encontrou em casa e ficou desesperado, estava com um buquê de flor para entregar para ela e quando ouviu da irmã que ela não queria falar com ele, ele usou as drogas e se viu numa situação horrível sem a amada. Foi outro dia lá e contou que a polícia estava junto, que ele tentou conversar com ela e que não deu certo a conversa que até os policiais choraram com ele.

Segundo ele, foi isso que o fez começar nas drogas. A ex-mulher descobriu que ele era assassino, depois de um tempo de conversa entendendo que ele sempre reforçava a questão da mulher, amor pela mãe e como não considerava correto qualquer tipo de violência contra mulher, foi perguntado sobre o primeiro crime dele que ele relatou ser aos 12 anos. Sua irmã de cerca de 18 anos foi estuprada e ele viu o terror que foi para ela e para a mãe vivenciar isso, ficou cercando o estuprador e esperando uma oportunidade de matá-lo quando o encontrou num lago cometeu o primeiro crime, depois disso relatou que caçava estupradores e pessoas que batem em mulher e não foram presas para matar (como se fosse um justiceiro).

Segundo suas palavras, nunca matou trabalhador, pessoa honesta e mulher, disse ser conhecido como pesadelo na época do crime e que havia colocado 3 pinos na perna, 2 por tiros e um por acidente de moto. Contou que foi casado mais 2 vezes e teve 9 filhos, que sempre buscou

ser presente na vida dos filhos, se não financeiramente, com presença seja pessoalmente ou por cartas. Contou que ficou 8 anos e meio preso, que lá tinha regalias por ser conhecido como caçador de estuprador, como iphone, tv e videogame. Contou que a cadeira ensinou muitas coisas maravilhosas para ele, como saber quem é quem, o que é verdade, quem está com você na verdade mesmo e que gostou do tempo que passou preso.

Depois de solto, viveu em situação de rua e contou sobre vezes que Deus o protegeu quando tentaram matá-lo mais de uma vez com arma de fogo como pistola e ela travou, quando ele fugiu no mato e deram tiro de fuzil e nada aconteceu e da última vez que foi no centro de Curitiba, foi lá que conheceu uma pessoa do projeto que o trouxe para a Casa Bethânia. Em uma das vezes que quase morreu, conta que viu o demônio com chifres, cheiro de enxofre e sentiu Deus falando com ele que não iria morrer. No dia anterior ao chamado para Bethânia, contou que tinha sido contratado para matar um polícia no Bacacheri, mas no dia do ato a Bethânia ligou e ele não pensou duas vezes em ir para a casa e buscar a restauração. Conta que está super feliz ali, que quer ficar um bom tempo e que tem sonhos de casar e ter filhos.

A reflexão nesse dia foi em como é importante o espaço terapêutico ter diversas atividades para ocupar o dia e a cabeça deles. Além disso, a proposta da comunidade de devolver a dignidade para a pessoa em tratamento os chamando de filhos sem rotular por uma condição passada e transmitindo o afeto que essa palavra traz consigo foi algo bem reflexivo e empolgante no primeiro dia.

17

Dia 2

O dia começou com uma celebração em que os filhos comungavam da palavra e da reflexão com o celebrante. Foi muito bacana perceber como cada um observava a reflexão e em como saíram falando bem do Gabriel que estava nesse processo e se mostra bem acessível sempre que precisam tirar algumas dúvidas sobre a palavra ou precisam se abrir com alguém.

Logo depois foi rezado um terço para a divina providência antes do almoço com todos no lado de volta da área em que comem para a reza. Foi ótimo perceber como levam essa questão de providência e novo sentido alinhado com a questão espiritual. No almoço, sentei-me ao lado de Fernanda e Gabriel, ela contou um pouco da sua história. Ela é da mesma cidade que Gabriel e contou como foi difícil o processo até entrar no ônibus e vir para Bethânia, demorou quase 2 meses, o que ajudou nessa mudança foi uma experiência que teve numa casa psiquiátrica que a traumatizou. Contou que ouvia muitos gritos dos internos e que em surtos viu algumas pessoas serem amarradas à força, essa memória fez com que ela não quisesse voltar para lá. Nisso ela

veio para clínica com sua mãe para buscar um tratamento mais humano, ela trabalhava com panificação e estava nessa função na semana, contou pouco sobre o que estava buscando ressignificar na comunidade.

Após o almoço, era tempo de visita dos familiares entre às 14 até 16:30, poucos filhos tiveram a visita da família, entre eles teve o Paulo que teve visita da mãe, mulher e do filho mais novo que estava com uma pipa e em vários momentos esteve empinando a pipa em diversos locais na comunidade, foi muito bacana ver como quem recebeu a visita estava leve. Também foi o momento de ex-filhos que já estavam reintegrados voltarem para Bethânia para conversas com os amigos. Nesse momento Douglas trouxe um tererê e compartilhou conosco e contou sobre suas duas tatuagens feitas em momentos diferentes. Em uma o escrito “Cash Only” que significa somente dinheiro que foi feito em um tempo que estava vendendo crack e estava ganhando muito dinheiro e decidiu fazer isso em um dos momentos de êxtase. Na outra, em um momento que estava com muita vontade de homenagear Deus e fez no pescoço o escrito fé que a caligrafia lembra uma cruz. Contou que ganhava muito dinheiro como pintor, porém gastava tudo com maconha e com mulheres que diziam buscar um relacionamento sério. No entanto, acabavam sendo casos esporádicos em que levavam o dinheiro dele. Neste último internamento, disse que fez essa escolha por não saber lidar com o dinheiro e a vida lá fora, que a comunidade da uma estrutura e rotina para ele, que pensa em se reestruturar e mesmo assim contribuir com a comunidade para devolver um pouco da quantidade de graças que vem recebendo na comunidade. Uma das coisas que mais pesava na vida fora da comunidade era o olhar de familiares que trazia um peso enorme para ele e uma vergonha que foram deixados de lado pela acolhida na comunidade.

Heverton contou mais sobre sua vida fazendo uma reflexão em como as palavras de Gabriel na igreja foram boas e em como está feliz ali, sentindo essa conexão consigo e afeto dos outros. Na hora do café, Rudinei contou sua relação com Flamengo das memórias que têm de títulos como o de 2009, 2019 e 2020 que lembra das comemorações e que sempre acompanha o Flamengo quando tem jogo na TV da comunidade. Conversei um pouco com Fabrício que é um ex-filho em processo de consagração, está num momento bem interessante ajudando muito nas manutenções e serviços fora da comunidade como a venda de pães, bolachas e apresentação do projeto nas igrejas e festas católicas. Nesse dia receberam um rottweiler que foi deixado em frente a comunidade (cuidar dos cães também está dentro das atividades deles).

Logo depois, foi a hora do esporte com o futebol que acompanhei mais de perto, foi ótimo verificar que ali estava todo mundo competindo, querendo ganhar e mesmo com esse

sentimento tinha muita alegria e sorriso. Heverton se deu o nome de Galvão Moreno e narrou o jogo colocando apelidos em todos os jogadores, foi muito bacana ver como o esporte tem um momento terapêutico de descontração, risada e muita colaboração.

A reflexão nesse dia esteve muito envolvida com a questão da espiritualidade para resgate de uma nova busca de sentido. Por meio dela, há a tentativa de mudar pensamentos e padrões de comportamento para tirar esse olhar de passado e culpa e colocar um olhar em que existe uma possibilidade de um futuro com novos horizontes. Ressignificar o passado e dar uma nova esperança no presente por meio da espiritualidade é uma proposta que visa o trabalho, a rotina e a afetividade.

Dia 3

Ao chegar à comunidade, estava com muitos carros e uma movimentação bem grande, era dia de retiro espiritual com mais de 140 pessoas. Nesses casos, os filhos ficam com uma tarefa de manutenção da estrutura e a rotina fica bem envolta de ajudar nas tarefas do retiro.

Encontrei primeiro Gilson que estava comentando sobre a movimentação do retiro e que o almoço havia sido bem caprichado pela questão do retiro e nos orientou a ir na área comum e na cozinha para encontrar os filhos. Ao chegar à cozinha, Heverton e Rodinei estavam lavando a louça, ajudamos os dois enquanto observamos a importância dessa rotina para eles.

Durante todo o movimento de arrumação, os dois cantaram muito e levavam a obrigação da maneira mais leve possível, entre os cantos Rodinei contou como entrou na vida de drogadição. É formado em técnico de mecatrônica pelo Senai, começou a trabalhar cedo e já com 15 anos começou com a cocaína e admitiu que era por uma questão de ego e dinheiro. Neste tempo, disse que gostava de se sentir o “bam bam bam” e que a questão da droga dava uma ajuda na questão social e financeira. Contou que sempre usou a partir de ali, mas como sempre trabalhou conseguia manter a rotina estruturada com esposa e filho, mesmo com as loucuras de bebida e cocaína. Conta que abriu uma mecânica em que ganhava cerca de 4 mil reais por carro, neste período ganhou muito dinheiro e cheirou tudo segundo seu relato. Bateu um carro que era do ano de 2021 que deu um prejuízo gigantesco para ele e fez com que fechasse a mecânica, estava sob efeito de entorpecente e bebida. Tem um filho com idade próxima aos 10 anos e outro recém-nascido.

Logo após isso, fomos ajudar em outro cômodo e uma filha que já trabalhou no restaurante estava coordenando tudo para que tudo ficasse bem apresentado em cada mesa. Lá

é interessante notar o quanto cada um que tem certa especialidade vai exercer seus ofícios segundo aquilo que tem mais afinidade.

Depois dessa função, teve o café deles e Gilson começou a contar sua história que entrou no mundo das drogas aos 15 anos porque estudava em colégio particular e a maneira de estar com os “boys” do colégio era indo atrás das drogas, visto que eles queriam a droga, mas tinham medo de ir atrás dela. Começou a usar pela questão social, para estar nas festas dos mais populares do colégio e por ser bem visto e ter privilégios com isso. Após o colégio, continuou usando drogas e vivendo a vida normalmente, casou e teve um filho, a esposa foi descobrir que ele usava drogas depois de 10 anos de casado. Ele comenta que como ele usava, trabalhava e fazia as funções de casa ele conseguia levar de uma maneira tranquila, porém teve um período de uso muito grande em que esteve internado pela primeira vez. Comentou que ali não viu muito futuro no tratamento pois verificava que o pessoal era “largado” ali e não tinha uma estrutura adequada para a restauração, desse modo era um lugar temporário sem uma mudança grande.

No entanto, após sair de lá em 2019 ficou 5 anos limpo e nesse período teve mais um filho que falou de maneira carinhosa e bem emocionada ao contar da rotina e proximidade que ele tinha. Contou que fazia as funções de casa, trabalhava e era muito presente na vida dos filhos era um provedor. No entanto, quando o filho tinha cerca de 3 anos voltou a usar, ao explicar o motivo não soube precisar muito, porém ressaltou que via como ponto chave o afastamento da espiritualidade. Nesse ponto, é interessante observar que mesmo com uma rotina funcional e um filho pequeno o distanciamento da espiritualidade foi algo que pesou na falta de sentido. Se viu usando muito até chegar ao fundo do poço, seus pais de 80 anos o encontraram em um hotel totalmente “chapado” tinha misturado drogas com Rivotril o que fez ele dormir dois dias seguidos. Após isso, contou que pelo sofrimento da família, decidiu buscar ajuda. Ficou 30 dias no CAPS de Guarapuava e por querer um tratamento completo abraçou a ideia de ir para Bethânia. Está há cerca de 11 meses ali, recebe visitas da família e está em uma situação crítica com a esposa que teve que somar ao trabalho dela outras funções e não estava com tanta esperança na restauração dele e em voltar a estar junto com relação de marido e mulher. Ficou muito emocionado ao contar essa história.

Na sequência, Heverton me chamou para mostrar leituras, a que ele tinha nas mãos era o dinheiro emocional do Tiago Brunet, contou o quanto está tentando estudar os livros, mesmo sendo muito difícil entender os conceitos. Disse nunca ter estudado, mas que está fazendo esse esforço. Comentou que está bem mais tranquilo do que na última visita, que criou alguns mecanismos de defesa para lidar com situações ruins. Ao ter algum embate derivado da

convivência, conta que já vai direto ler a bíblia ou algum livro porque ainda tem vontade de violência e de matar, que tem lidado muito com esses pensamentos através da leitura da palavra. Isso tem ajudado até nos seus sonhos, que conta serem bem mais tranquilos agora, sem viés de morte e sexual como era antes. Conta que é um desafio purificar seu olhar e pensamentos, mas sempre que se vê olhando para algo de maneira que não deveria ou pensando algo errado já pede perdão e tenta abraçar outra ideia. Contou que ainda não conseguiu perdoar as pessoas que matou ou sentir que precisaria pedir perdão por essas mortes, é algo que tem pedido muito a Deus, ao perguntar quantas pessoas ele matou, comentou que são mais de 20 estupradores ou com Maria da Penha. Ainda falou dessa questão com o olhar de “legado” que deixou.

Observações de destaque do dia, passou pela importância da rotina estruturada para que eles fiquem ativos e pelos motivos próximos que levou Gilson e Rodinei a entrarem no mundo das drogas: status social. No caso do Gilson, ele comentou que era muito amado pela família e tinha uma boa estrutura. Comentou também a questão da angústia e de uma dor no peito grande nos períodos iniciais de abstinência e ressaltou fazer o testemunho da história dele no mundo das drogas para ratificar que não vale a pena.

Dia 4

21

O dia começou com muitas conversas com Heverton e Rodinei, eles estavam fazendo funções ligadas a limpeza da capela e dos pisos. A supervisora chamou a atenção deles algumas vezes pelas questões da conversa. Deu para notar que priorizam demais a questão da rotina e neste momento estão focados na tarefa. Após a limpeza, tiveram um momento de espiritualidade com uma celebração e intercessão.

Depois da celebração, foi feito um convite para quem quiser participar desse momento de intercessão, nela a maioria dos filhos foram e passaram por esse processo que consistia em uma das pessoas estar rezando e orando pela outra colocando nas mãos de Deus a realidade dessa pessoa e as ações e forças para superar essas barreiras. Após isso, Heverton comentou que passou por um momento complexo na semana, que teve um atrito com um dos outros filhos e que isso subiu na mente nele e trouxe um sentimento ambíguo de querer matá-lo, sair da clínica e jogar tudo para o alto. No entanto, o que ele fez foi bem ao contrário disso, ele saiu do ambiente, pegou a bíblia e foi para o meio do mato lê-la, nesse momento conseguiu recuperar parte da tranquilidade e restabelecer a calma. Conta que a ligação das filhas dizendo que ele tinha mudado e já percebiam pela ligação deu uma renovada na alma dele. Como a comunidade tem

uma praxe de nas primeiras 11 semanas não receber visitas, ele estava ansioso para passar esse prazo e ele ter visitas.

Após essas conversas começou o futebol, o pessoal estava bem ansioso e jogaram competindo muito, Rodinei disse que tinha sido o primeiro futebol que perderam na semana e ressaltou bastante os pontos positivos e negativos do pessoal que jogou lá.

Pontos altos desse dia, deu para ver a importância da questão espiritual da intercessão para renovar esperanças e terem um momento de espiritualidade mais profunda e como isso interfere no processo de substituição de hábitos e maneiras de lidar com adversidades pelo testemunho de Heverton.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estágio supervisionado possibilitou compreender, de forma abrangente, as dinâmicas que envolvem os transtornos mentais e, em especial, os processos relacionados à dependência química. O objetivo central do estudo foi observar a prática institucional, identificar fatores que influenciam o sofrimento psíquico e analisar como a rotina terapêutica contribui para o processo de recuperação foi plenamente alcançado. A vivência na Comunidade Bethânia evidenciou como as atividades estruturadas, o trabalho, a espiritualidade e o acolhimento favorecem a reorganização emocional e existencial dos residentes. 22

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao aproximar conceitos como sistema dopaminérgico, vazio existencial e sentido da vida de Viktor Frankl das práticas cotidianas de cuidado. Na vertente prática, demonstrou que o tratamento da dependência química demanda uma abordagem integral, que considere fatores biológicos, afetivos, sociais e espirituais. Para o pesquisador, a experiência ampliou a compreensão sobre sofrimento psíquico, fortalecendo a postura ética, empática e observacional necessária à futura atuação profissional.

Como limitações, destacam-se o caráter exclusivamente observacional do estágio, que impede intervenções diretas, e o fato de a pesquisa se restringir à realidade de uma única instituição, o que limita a generalização dos achados. Estudos futuros podem comparar diferentes modelos terapêuticos, analisar indicadores de recaída, investigar estratégias de ressignificação do sentido da vida e explorar a eficácia de práticas de acolhimento em contextos variados.

Conclui-se que o cuidado em saúde mental exige olhar sensível, interdisciplinar e humanizado, capaz de reconhecer o sujeito para além do sintoma e de apoiar sua reconstrução de vida com dignidade, afeto e propósito.

REFERÊNCIAS

BRASIL PARALELO. Como encontrar o sentido de sua vida com Viktor Frankl? *Redação Brasil Paralelo*, [s. l.], 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/sentido-da-vida-viktor-frankl>. Acesso em: 27 out. 2025.

LIEBERMAN, Daniel Z.; LONG, Michael E. *Dopamina: a molécula do desejo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

PRAATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. II, n. 3, p. 315-322, dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/J7nc4VfqSXZ6W3rmnJfyyYw/?lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.